

## A força criativa que vem dos quadrinhos \*

Rogério Ferraraz

“Eles podem fazer bons filmes, Kal-El, eles desejam fazer. Eles só necessitam da luz que lhes mostre o caminho. Por essa razão, pela capacidade deles para o bom cinema, é que eu enviei você...meu único filho.” E *Superman – o retorno* veio, então, para confirmar o que há anos se suspeitava: um sopro de criatividade e de inteligência em Hollywood vem das adaptações de histórias em quadrinhos, que já virou quase um gênero específico. Aliás, podemos começar essa história com a primeira chegada do herói vindo de Krypton às telas dos cinemas, em 1978, sob os cuidados de Richard Donner.

*Superman – o filme*, baseado nos personagens criados por Jerry Siegel e Joe Shuster, com efeitos surpreendentes, vencedores de um Oscar especial, principalmente por darem realismo ao vôo do herói, e com uma trilha sonora inesquecível, composta por John Williams e indicada ao Oscar, levou ao estelato o desconhecido Christopher Reeve, que se eternizou como Kal-El/Clark Kent/Superman; mostrou, para as novas gerações, a força dramática de Marlon Brando, como Jor-El; e apresentou um Lex Luthor impagável, na memorável atuação de Gene Hackman. O sucesso foi tão grande que logo vieram as continuações. Mas, se *Superman II – a aventura continua*, dirigido por Richard Lester, em 1980, ainda tinha atrativos – principalmente no desenvolvimento do roteiro e no uso do humor –, os dois filmes seguintes afundaram a série: *Superman III* (1983), também de Lester, e *Superman IV – em busca da paz* (1987), de Sidney J. Furie.

Com o fracasso, entre a crítica e o público, dos últimos exemplares da franquia *Superman*, o gênero enfrentou ataques da crítica especializada, que pregava que esse tipo de filme estava fadado ao esquecimento. A volta por cima, porém, foi rápida, apenas dois anos depois, com um projeto ambicioso: a adaptação do personagem criado por Bob Kane, Batman, sob a direção de Tim Burton, até então um cineasta *cult* que só tinha dois longas no currículo, *As grandes aventuras de Pee Wee* (1985) e *Os fantasmas se divertem* (1988). Para aumentar a tensão envolvendo o filme, o diretor escalou Michael Keaton para o papel do Homem-Morcego – o que gerou ondas de protestos entre os fãs. Quando tudo indicava que o investimento milionário não teria retorno, *Batman* (1989) arrecadou 413 milhões de

dólares ao redor do mundo – o que rendeu muito dinheiro inclusive a Jack Nicholson, que, de forma visionária, aceitou trabalhar como o vilão Coringa por um salário abaixo do seu habitual, mas tendo uma pequena porcentagem na distribuição dos lucros. Além do sucesso comercial, o mais importante é que o filme mostrou como esse filão podia aliar arte e indústria como poucos, entregando aos espectadores entretenimento de qualidade.

O melhor ainda estava por vir. Se no primeiro, Burton já injetava traços *darks* na concepção visual e na própria história de Bruce Wayne/Batman, no filme seguinte ele realizou uma pequena obra-prima. Em 1992, *Batman – o retorno*, ainda com Keaton como protagonista, mas agora com a companhia de Danny DeVito, como Pingüim, e Michelle Pfeiffer, como Mulher Gato, o diretor carregava na estética expressionista e criava um filme sombrio, adulto, erótico – mas sem perder o humor negro e a ironia, marcas consagradas das HQs desse herói mascarado.

O Homem-Morcego, no entanto, viria a conhecer seu martírio. Assim como ocorreu com Superman, a maldição do terceiro e do quarto também acometeu a série, principalmente por causa das escolhas equivocadas de Joel Schumacher, que assumiu a direção no lugar de Burton e lançou os risíveis fiascos *Batman eternamente* (1995) e *Batman e Robin* (1997). Seria a morte anunciada das adaptações de HQs pela cinemão norte-americano.

Tal fênix, porém, o gênero renasceria das cinzas a partir de 2000, com o lançamento de *X-Men*, baseado nos personagens criados por Stan Lee e dirigido por Bryan Singer. De lá para cá, foram muitos os exemplos de filmes adaptados de quadrinhos que levaram criatividade, ação, humor, romance e, por que não, inteligência e crítica aos cinemas: *Homem aranha* (2002) e *Homem aranha 2* (2004), de Sam Raimi, também baseado na criação de Stan Lee; o subestimado *Hulk* (2003), de Ang Lee, numa outra adaptação de um personagem de Stan Lee (não, eles não têm nenhum parentesco!); *Anti-herói americano* (2003), de Shari Springer Berman e Robert Pulcini, baseado nos quadrinhos autobiográficos de Harvey Pekar; *X-Men 2* (2003), de novo dirigido por Singer, com os personagens de Stan Lee.

Em 2005, mais três filmes chamaram a atenção: *Quarteto fantástico*, baseado nos personagens criados por Jack Kirby e Stan Lee e dirigido por Tim Story; *Batman Begins*, em que o diretor Christopher Nolan revitaliza a saga do Homem-Morcego; e uma pequena

obra-prima, que tem tudo para se tornar um clássico daqui alguns anos: *V de vingança*, de James McTeigue, baseado nos personagens criados por David Lloyd e Alan Moore.

Para completar essa avalanche de bons filmes, neste ano já tivemos *X-Men 3: o confronto final*, sob o comando de Brett Ratner, que assumiu o lugar de Bryan Singer, já que este preferiu se aventurar nas esquinas de Metrópolis, dirigindo a volta o Homem de Aço no belo *Superman – o retorno*. E, cereja do bolo para os fãs brasileiros, a grande notícia é a presença confirmada de Rodrigo Santoro como o vilão Xerxes, na adaptação que Zack Snyder prepara de *Os 300 de Esparta*, baseado na HQ de Frank Miller, ainda sem data definida para estréia. Agora é esperar para conferir se Snyder, Santoro e companhia mantêm o alto nível das adaptações de quadrinhos pelo cinema. Ou como diria o tio de um certo herói meio humano, meio aracnídeo, que retorna às telas em 2007 em sua terceira aventura, “com grande poder, vem grande responsabilidade”.

\* Texto publicado (em versão editada) originalmente na Revista Lounge (Ano 4, Ed. 20).